



A Augusta está voltando!

A Augusta já teve seus dias de rua mais famosa da cidade – antes de São Paulo ser Sampa –, na década de 60. E virou música antes da Ipiranga, mas não antes da São João. Isso aconteceu na época em que se descia, às vezes literalmente, a Rua Augusta a 120 por hora.

Depois perdeu espaço para os shoppings centers, para as suas transversais (Lorena, Oscar Freire) e paralelas (Bela Cintra, Haddock Lobo), mas como tudo volta, especialmente em São Paulo, aguardem: a Augusta esta voltando!

Estamos vendo esse movimento de retorno acontecer na Paulista, que se tornou o local das celebrações da cidade (Rêveillon, 25 de janeiro, finais de campeonato de futebol, primeiro de maio).

A Augusta sempre teve as duas vertentes do espigão da Paulista muito bem caracterizadas (além de verter muita água em forma de enxurrada em dias de chuva). A vertente do rio Pinheiros sempre foi mais chique do que a do rio Tietê. A do Tietê por outro lado (ou pelo outro lado) era diferente. Tinha, e ainda tem, os cinemas de arte (Marachá, Regência, Espaço Nacional depois Unibanco) e vários níveis de vida noturna, como a cantina do Piolin, o espaço Pirandelo e um montão de inferninhos.

Já o lado do Pinheiros, era o da moda, da paquera de sábado à noite, das lojas de discos, das lanchonetes e das galerias, onde tinham as “legítimas” calças Lee; as Levi’s não serviam.

Alguns desses monumentos de São Paulo, nos dois lados da Augusta, foram perdidos para sempre (a sessão maldita do cine Marachá, o bar Longchamp, a doceira Vally, a lanchonete

Flamingo, os Hot Dogs ao lado dos cinemas Paulista e Majestic), mas o Frevo e o Frevinho continuam firmes e a galeria Ouro Fino está entupida de uma moçada especial.

QUAL É O SEGREDO DESTA REGIÃO?

É fácil de perceber que tem e sempre teve bastante gente morando, escolas e igrejas para todos os gostos, lojas e prestadores de serviços. Isto é vida urbana, com trânsito, bagunça e barulho, é a nossa cara. Cinema cheio de velhinhos, lojas grifosas, cabeleireiros, restaurantes e uma boa pitada de gays.

Um símbolo desse reencontro é o Conjunto Nacional, onde se mora, se trabalha, se abastece e se diverte. O relógio da Willys marcava o tempo da cidade, de uma nova face da cidade, afastada do centro velho. O problema é que a cidade gostou da fórmula e foi fazendo novas Paulistas e macros Conjuntos Nacionais, mas estamos voltando para o centro, passando pela Paulista e aguardem, a Augusta esta voltando.

ALGUNS SINAIS DOS NOVOS TEMPOS?

A Lanchonete da Cidade, as butiques de cafés, a Paola di Verona e a Casa Santa Luzia. Este estabelecimento cresce tanto que já voltou para a Augusta (por enquanto só para os carros) arrasando o quarteirão e vertendo os melhores e mais caros colesteróis para todos os lados.

Michel Gorski é arquiteto e urbanista.

